

COMBATE AOS CASAMENTOS E GRAVIDEZES PRECOSES: Adolescentes sugerem mais diálogo

21 Janeiro 2016, Evelina Muchanga



RAPARIGAS e rapazes de diversas zonas do país reuniram-se recentemente em conferência nacional para, entre outros assuntos, debater sobre a sua saúde, educação, empoderamento e bem-estar, com enfoque para o combate aos casamentos prematuros e gravidezes precoces.

Durante o encontro, que teve lugar na cidade de Maputo e em que também participaram representantes das organizações da sociedade civil, Governo, parceiros de cooperação, os jovens manifestaram a vontade de falar com os mais velhos sobre a sexualidade e o casamento.

Fundamentaram a sua vontade alegando que a falta de diálogo entre estas camadas sociais pode ser um dos factores que contribui para que mais meninas se casem e engravidem ainda muito novas.

Outrossim, apontaram que na maioria dos casos de casamentos prematuros, as raparigas não são ouvidas, são apenas induzidas a aceitar a condição contra todos os riscos que daí advêm.

“Temos situações de pais que praticamente entregam as filhas, sobretudo as consideradas mais bonitas ou melhor comportadas da casa aos homens bem-sucedidos da zona (que tem viatura,

uma casa melhor, gado, terra e por aí fora), em troca de bens, isso com maior incidência nas zonas rurais, porque na cidade as pessoas já têm mais conhecimentos e incentivam as meninas a irem a escola, embora existam alguns casos”, denunciou um adolescente de Chókwè, província de Gaza.

Concordam, contudo, com a existência de pais e encarregados de educação que conversam de forma aberta com os filhos sobre a sexualidade, mas estes na tentativa de experimentar o acto sexual acabam engravidando ignorando, em algumas vezes, o conselho dos mais velhos.

Na conferência, que decorreu sob o lema “Apostar na Rapariga é Apostar no Futuro”, os participantes, em particular as raparigas, tiveram a oportunidade de levar ao debate público os problemas que enfrentam na primeira pessoa a diferentes níveis, assim como falar dos planos e mecanismos para a implementação de programas de protecção da rapariga, incluindo a discussão sobre a Estratégia Nacional de Prevenção e Combate aos Casamentos Prematuros aprovada recentemente pelo Governo.

O encontro, de dois dias, foi realizado num altura em que o país apresenta taxas de prevalência de casamentos prematuros elevadas, apesar dos esforços que vêm sendo realizados pelo Governo e parceiros para contrariar esta prática.

De acordo com o Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS) de 2011, cerca de 48 por cento das raparigas moçambicanas casaram-se antes dos 18 anos e 14 por cento antes dos 15 anos. A nível mundial, Moçambique possui taxas altas de casamentos prematuros, ocupando a 11.ª posição e na região da África Austral e Oriental o segundo lugar.

Em entrevista ao “Notícias”, alguns participantes apontaram alguns factores que concorrem para o registo de casamentos e gravidezes prematuras no país assim como as possíveis soluções.

CULTURA TEM GRANDE INFLUÊNCIA



Dorico Renato é um dos adolescentes que participou na conferência nacional da rapariga. Classifica de não boa a situação da menina no país, sobretudo no que tange aos casamentos e gravidezes prematuras, apesar dos esforços que estão sendo feitos pelo Governo para empoderar a mulher e a mudar de forma significativa os casos de casamentos prematuros.

“É mais visível a influência da cultura. Acredito que os ensinamentos que são transmitidos durante os ritos de iniciação não são bem entendidos pelas meninas e rapazes. O que eles aprendem é para prepará-los para o casamento, para serem mães, saberem liderar a família e não que necessariamente devem logo a seguir aos ritos casarem-se”, disse.

Sugeriu que os líderes comunitários e os responsáveis dos ritos de iniciação conversem com os adolescentes e expliquem-lhes que os conhecimentos adquiridos lá não devem necessariamente ser implementados naquele momento mas sim quando chegar a altura certa para o casamento.

Dorico Renato avançou que como activista social tem difundido a informação de que o casamento prematuro tem consequências negativas na vida da criança, da sociedade e do país no geral.

“Temos divulgado os direitos da criança e da mulher. Sensibilizamos através de debates radiofónicos e televisivos para mobilizar e informar a sociedade sobre o que realmente está a acontecer no seio da criança para tentar mudar alguma coisa”, sublinhou.

FALAR DA SEXUALIDADE SEM TABUS



Joelma Mateus, da província de Tete, opinou que é dever dos pais orientar os filhos para a vida sexual e falar desta realidade sem tabus. Explicou que é devido à falta de conhecimentos sólidos transmitidos pelos pais que algumas meninas engravidam em tenra idade ao tentar experimentar o acto sexual.

“O problema da gravidez precoce é preocupante em Tete. Para mim não é por falta de informação sobre a gravidez e as diversas formas de prevenção que as meninas engravidam. A influência de amigas que aliciam para experimentar o acto sexual é forte. Se eu que sou rapariga e inexperiente se experimento algo acabo engravidando. O rapaz também sofre a influência de amigos, daí que é fundamental que os pais conversem com os filhos, sejam eles a transmitir os conhecimentos sobre a sexualidade”, anotou.

Propôs que os pais fossem eles próprios a quebrar o tabu segundo o qual não se deve falar de sexualidade com as filhas. “Se um pai não fala com a filha sobre os perigos do sexo, ela vai ouvir de terceiros e a mensagem pode não ser a mais certa para prevenir a gravidez. As crianças já estão actualizadas, têm muita informação, mas precisam de alguém que as ajude a usar essa informação”, salientou.

Joelma Mateus lamentou ainda o desaire que algumas meninas da sua província têm vivido quando são obrigadas a se casar como forma de pagamento de dívidas que os pais contraíram em praticantes de medicina tradicional.

Falou do caso de uma rapariga dos seus 15 anos cujo pai lhe arranjou um marido alegando que já não tinha mais condições para sustentá-la. Como consequência deixou de estudar.

“Isto é triste. Quando tentei dizer aos vizinhos que ela era criança, eles disseram-me que ela já é crescida. No distrito quando uma menina vai ao lar já é considerada uma mulher, não importa a idade que tiver”, frisou.

DEFICIENTE COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS



Para Adina Amade, da província de Nampula, há que educar a rapariga e disponibilizar informação actualizada a mães que um dia foram meninas e tiveram a sua educação.

“Hoje se falamos de uma rapariga informada, estamos a falar de ontem de uma mãe que foi rapariga e teve uma outra informação e educação. Estamos a falar também de uma questão de falta de comunicação entre a mãe e a rapariga, o que leva a que a menina não tenha um espaço de discussão com a mãe sobre o que ela tem como conhecimento para que possa estancar esta questão dos casamentos prematuros”, referiu.

Esta jovem mulher lembrou que a província de Nampula é uma das que mais casos de casamentos prematuros regista no país e apontam-se os ritos de iniciação como sendo um dos principais factores para o facto.

Contudo, Adina entende que se deve olhar para outros factores como a questão da falta de interacção entre pais e filhos. “Em algumas religiões e cultura, por exemplo, quando o pai diz algo é isso e não se pode contestar porque é indiscutível. Mas hoje eu sou informada e quando tento corrigi-lo alguma coisa que eu acredito e tenho informação precisa de que não é exactamente como ele disse, o pai insurge-se e diz quem é você para discutir comigo. Então, há falta de comunicação com os nossos encarregados”, sublinhou.

Reconheceu no entanto que há meninas que pensam que como têm alguma informação e estão a viver no modernismo sabem de tudo e não acatam os conselhos dos mais velhos e considera a atitude errada.

Para esta jovem quer os pais, quer as raparigas devem juntos sentar e ouvir o que cada um tem de importante e conhecimento para uma melhor orientação rumo ao combate da gravidez indesejada e casamentos prematuros.

DENUNCIAR ACTOS DE VIOLÊNCIA



Vânia de Fátima, da província de Inhambane, referiu que alguns pais contribuem para o registo de casamentos prematuros quando alegam que não precisam de mandar e manter a filha na escola porque não vai contribuir em nada na família, pois ela vai ir para o lar.

“Para alguns pais, o importante é a rapariga fazer apenas o Ensino Primário. Existem ainda pais que recorrem a curandeiros na busca de soluções para algum problema e quando não conseguem pagar em valor monetário entregam as filhas, o que é mau”, reflectiu.

Segundo esta jovem, ao mandar as filhas para a casa de um curandeiro não se explica as causas daquela atitude, apenas ordenam para que elas passem a viver lá.

Para estes casos, Vânia aconselha as meninas a procurarem ajuda na esquadra e instituições que zelam pelos direitos humanos e, em particular, da rapariga porque elas têm o direito de dizer não a esta imposição.

Todavia, esta jovem mulher disse que assiste com tristeza situações de raparigas que mesmo tendo apoio dos pais e familiares para se manterem na escola fazem outra escolha como casar e ir para o lar abandonando a escola.

“Infelizmente, algumas não ouvem os conselhos dos pais, insistem que não querem estudar mas sim viver com o namorado. Engravidam, são depois maltratadas no lar e expulsas com crianças. A solução para alguns é abandonar as crianças com as avós, fogem para a cidade de Maputo à procura de emprego como empregadas domésticas e sem perspectivas de um futuro melhor”.

ESTAMOS ABERTOS PARA MUDAR



O pastor Albino Mussuei reconheceu que existe um conflito causado pela divergência de conhecimentos entre os pais e novas gerações e manifestou a disposição da Aliança Inter-Religiosa para Advocacia e Desenvolvimento Social (AIRDES), da qual faz parte, para aprender e contribuir para a erradicação dos casamentos prematuros na sociedade moçambicana.

“Antes era difícil falar da sexualidade antes dos 18 anos, mas hoje estamos a dizer que as meninas iniciam cedo a menstruação, o que era diferente, sendo assim temos de abordar as coisas como elas são, e temos de estar preparados para dialogar e abordar os assuntos sem tabus com os nossos filhos”, referiu.

Albino Mussuei sublinhou que não está a ser fácil para os religiosos, em particular, e a sociedade, em geral, aceitar estes novos desafios. “Não é fácil para nós das confissões

religiosas. É um desafio para as mães que ontem e durante anos não aprenderam assim, é um desafio para os pais que nunca aprenderam assim. Esta diferença de gerações conduz-nos a esses erros que cometemos, antes as coisas não eram assim, mas hoje são”.

Disse que ao participar na conferência significa que o conselho das religiões aceita os novos desafios e que está preparado para aprender, para mudar e apoiar as políticas existentes com vista a erradicar casamentos prematuros.

“O que os jovens levantaram é uma realidade. Nós não vamos aceitar celebrar casamentos nas nossas confissões religiosas de menores de 18 anos. Segundo, queremos capacitar os nossos líderes para poderem entender a legislação e vermos onde é que as nossas sagradas escrituras chocam com a legislação, portanto, queremos preparar os líderes para poderem responder aos desafios de hoje e poderem falar sobre esta temática”, frisou.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/49815-combate-aos-casamentos-e-gravidezes-precoces-adolescentes-sugerem-mais-dialogo>